Revista Municipal
Câmara Municipal de Lousada
N.º 211 Ano n.º 23 – 4.ª série
Data abril 2022
Depósito Legal 49113/91
ISSN 1647-1881

Suplemento
Arqueologia

Notas sobre a (re)localização de vestígios tumulares medievais na Igreja de São Miguel (Lousada)

A relocalização de duas presumíveis lajes sepulcrais identificadas na década de 1970 por Fernando Lanhas e, desde então, "desaparecidas" para a ciência, são o mote para este artigo centrado nas tumulações medievais da Igreja de São Miguel, em Lousada, edifício recentemente alvo de obras de requalificação, tanto ao nível da fachada mor, como das paredes interiores e exteriores, assim como da cobertura. As lajes agora identificadas, às quais se junta um terceiro elemento de caráter funerário colocado a descoberto durante as obras em apreço, concorrem, juntamente com os dados previamente conhecidos relativos à presença de uma necrópole rupestre no adro da igreja, para a ambiência medieval do espaço, estabelecendo uma diacronia que medeia entre os século X/XI e o século XIV.

Texto e fotografia

Manuel Nunes
manuel.nunes@cm-lousada.pt
Paulo Lemos
paplemos@gmail.com

A Igreja de São Miguel

Inserida em área de proteção ao património, de acordo com o Plano Diretor Municipal em vigor, a Igreja de São Miguel é um pequeno templo implantado a meia encosta, dominando o vale da ribeira de Barrosas, cuja designação nos aparece referida pela primeira vez no século XIII com as Inquirições de 1258 (PMH, 1897, p544): *Ecclesie Sancti Michaelis* de Lousada. Abílio Miranda inseriu-a num "*românico de transição do século XIII*" (Miranda, 1938, p.1). Fernando Lanhas (1971, p575) e José Mendes Pinto (1992) consideram que a atual igreja conserva traços da primitiva edificação românica tardia, visíveis sobretudo no traçado da planta, na arcatura das portas e nalguns cachorros sobreviventes da cornija do telhado. Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1995), por seu lado, refere que este edifício deve ser considerado como "*um monumento de estilo gótico, rural e tardio*". Com efeito, este autor enquadra o portal principal, a arcada redonda e de esquina chanfrada, formada com altas e grandes aduelas, estilística e tecnicamente nos finais do século XV ou mesmo século XVI. Mais recentemente, Cristiano Cardoso e Luís Sousa (2021, p. 28) aventam que "*o corpo da igreja denuncia um programa do século XVI, em que, a par com algumas opções evocativas da época, se contêm elementos e soluções que se enquadram em fases bem anteriores. O tratamento estético do portal principal, exibindo esquinas chanfradas e os arranques ornados de motivos florais, é característico do que se desenvolvia no século XVI.*"

Figura 1 Fachada da Igreja de São Miguel após as obras de requalificação

Tumulações medievais na Igreja de São Miguel

A presença de tumulações na Igreja de São Miguel foi dada a conhecer em 1938 por Abílio Miranda no jornal *Penafidelense*, a propósito do aparecimento de uma laje onde uma "*cruz gravada, toscamente, encontra-se dentro de um círculo, tendo mais uns riscos de ornato, ou cabalísticas, pela parte inferior. Esta pedra apenas descobri e não cheguei a levantar, mas presumo que cubra, como digo, uma cavidade de forma antropomórfica*" (Miranda, 1938a, p. 9). Mais tarde, no *Jornal de Lousada* o mesmo autor acrescenta, a propósito da referida laje: "*O exame cuidadoso desta pedra impõe-se, porque, inclusivamente, os traços que me pareceram formar uma cruz dentro da circunferência, podem antes formar um signo de Salomão*" (Miranda, 1938b, p. 1). No número seguinte do mesmo semanário, adenda: "*A sepultura* (...) *aproxima-se muito da espécie de sepulturas abertas nas pedras nativas e de forma antropomórfica e que se encontrava sempre junto dos antigos templos, dos alvores do cristianismo* (...) *trata-se de uma sepultura visigoda de traço de grosseiro aparelhamento indígena*" (Miranda, 1938c, p. 1), concluindo que "*se, de facto, os traços gravados dentro da circunferência, toscamente gravada na referida pedra, representam uma cruz, é tam imperfeita que não se lhe poderá chamar equilateral, nem orbicular, tipos que já se usavam em épocas romanas.*"

Na década de 1970, Fernando Lanhas (1971, p. 575), num pequeno texto síntese dedicado à arqueologia de Lousada, refere-se a duas lajes sepulcrais existentes no Museu de Etnografia e História do Porto, alegadamente provenientes de São Miguel de Lousada, sem, todavia, detalhar se se tratariam de peças recolhidas na área da Igreja. A propósito de uma destas lajes José Mendes Pinto (1992) refere que "*apresenta representações de instrumentos de trabalho, indicativos da profissão do defunto, sendo, pela sua tipologia, obra de caráter popular dos séculos XIII/XIV.*"

O mesmo autor referia o "*aparecimento de sepulturas escavadas no afloramento em que assenta a igreja, e ao lado norte desta, em número de 5, algumas de cariz antropomórfico, sub-trapezoidal e ovaladas, podendo-se apenas assegurar a sua posterioridade ao século XI*" (Pinto, 1992), dados confirmados em 2008 pelos autores da Carta Arqueológica do Concelho de Lousada (Nunes, Sousa & Gonçalves, 2008, pp. 196-197) que relocalizam quatro das cinco sepulturas mencionadas por Mendes Pinto.

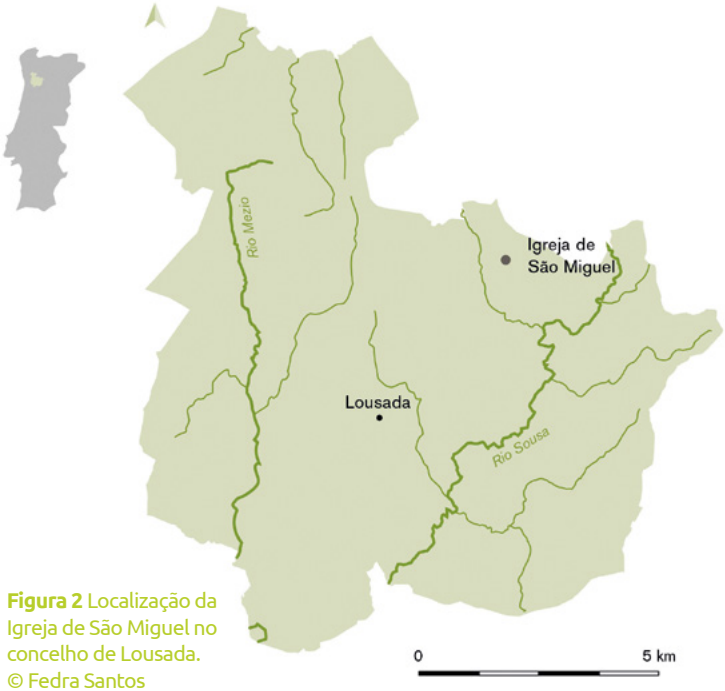

Figura 2 Localização da Igreja de São Miguel no concelho de Lousada. © Fedra Santos

As "lajes" sepulcrais de São Miguel

As lajes mencionadas pela primeira vez por Fernando Lanhas em 1971 encontravam-se em paradeiro incerto desde a desativação do Museu de Etnografia e História do Porto, instituição criada em 1945 e instalada, desde então, no Palácio de São Joao Novo. Encerrado em 1992, já sob a tutela do Instituto Português dos Museus, o museu assistiu à dispersão do espólio por diversos espaços museológicos tendo algumas das peças sido remetidas para a Casa de Ramalde, no Porto, alegadamente por se terem quedado sem contexto histórico-arqueológico durante o processo de desmantelamento do museu. Foi no

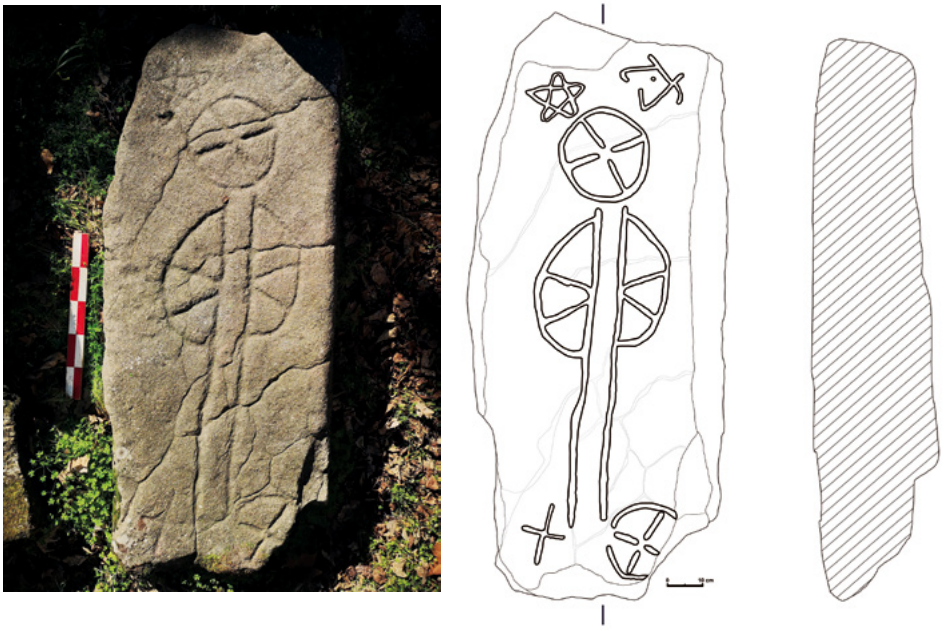

Figura 3 Fotografia da laje de São Miguel 1 (SM_1) nos jardins da Casa de Ramalde (Porto) e respetivo desenho.

jardim da Casa de Ramalde[1], após diligências junto da Direção Regional de Cultura do Norte, que os subscritores relocalizaram as referidas lajes em fevereiro de 2022.

Ambas as peças foram produzidas em blocos de rocha granitoide da região, nomeadamente granodiorito de grão grosseiro com megacristais de feldspato potássico, e ambas, conquanto destituídas de contextos cronocultural, autorizam, pela simbologia associada e execução técnica empregue, uma balização entre os séculos XIII e XIV.

A primeira peça (SM_1) é uma laje sepulcral com 157 centímetros de comprimento, 73,5 centímetros de largura e 22 centímetros de espessura. Apresenta uma profusa decoração em baixo-relevo marcada pela presença de um elemento central cuja forma, vagamente antropomorfa, é constituída por dois elementos simétricos estruturados por duas linhas verticais paralelas que, no último terço, dão corpo a meia circunferência com orientação exterior. O conjunto das duas metades da circunferência compõe um elemento tipo roseta com seis triângulos desiguais, de base convexa e vértices unidos, insertos num círculo. Na base deste elemento central encontram-se dois motivos cruciformes: uma cruz grega simples (esquerda), e uma cruz grega de elementos independentes inserta em semicírculo (direita). O terço exterior deste último motivo cruciforme encontra-se destruído. Sobre o motivo central registam-se três outros elementos. Ao centro encontra-se uma cruz pátea de pontas convexas (ou cruz pátea alesada arredondada) inserta num halo circular. Sobre esta, à direita, a imagem de um artefacto, um provável arado e à esquerda, um pentalfa. Os pentagramas, ou estrela de cinco pontas, encontram-se relacionados com a fonte da luminosidade ou fonte de luz. Traçada entre o Céu e a Terra, representa o homem abnegado, radioso como a luz, no meio das trevas do mundo profano (Chevalier & Gheerbrant, 1992, p. 518; Malveiro, 2013, p. 981). Por outro lado, constitui também um símbolo apotropaico que, em contextos funerários, "tinha uma dupla virtude: a de proteger o morto dos maus olhados, e a de proteger os vivos do espírito dos mortos" (Miranda, 24.12.1938, p. 1).

A segunda peça (SM_2), dada a forma e dimensões, constitui uma provável estela funerária com 103 centímetros de comprimento, 62 centímetros de largura e 43 centímetros de espessura. A laje apresenta três elementos iconográficos

Figura 4 Fotografia da estela de São Miguel 2 (SM_2) nos jardins da Casa de Ramalde (Porto) e respetivo desenho.

[1]Após a relocalização das lajes pelos subscritores deste artigo, a Câmara Municipal de Lousada iniciou as diligências formais junto da tutela com vista ao regresso destas peças arqueológicas ao concelho, sob guarda do município.

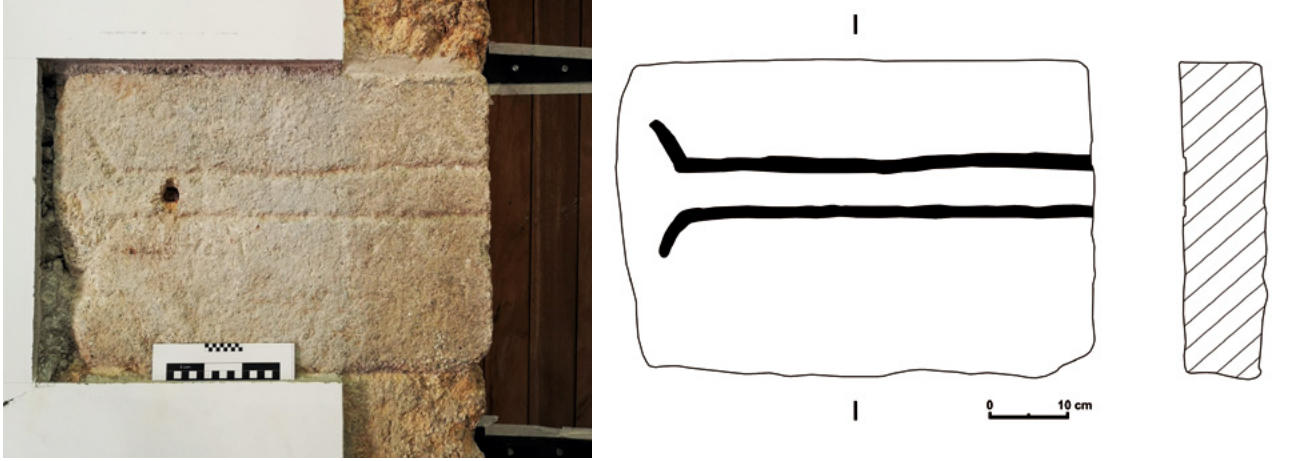

Figura 5 Fotografia e desenho do fragmento de laje/estela funerária detetado no umbral interior da porta norte da Igreja de São Miguel.

em baixo-relevo: motivo antropomórfico, cruciforme e artefacto. O elemento central da peça é representado por uma figura antropomórfica masculina a segurar o cabo de um utensílio (martelo?) que, devido a uma fratura da rocha não é totalmente percetível. Ainda assim, a presença de um segundo artefacto, neste caso um machado, remete-nos para uma profissão associada à lida da madeira, como seria o caso da carpintaria ou tanoaria. Sobre estes elementos que distinguem a profissão do defunto, encontra-se uma cruz pátea de pontas convexas inserta num duplo círculo.

Em ambas as peças (SM_1 e SM_2) é evidente a associação da cruz ao elemento que distingue a profissão do defunto, como uma conjugação entre a vida, a morte e a ressurreição. No entanto, o significado dos artefactos reflete-se a diversos níveis, nomeadamente na vertente material, dado aqueles serem representativos de ofícios (Malveiro, 2013, p. 982).

Finalmente, no decurso das obras de restauro da igreja, que decorreram entre outubro 2021 e março de 2022, foi colocado a descoberto um terceiro elemento (SM_3). Neste caso trata-se de uma provável laje ou estela funerária onde se verifica a presença de um elemento decorativo – um possível arranque de pé alto de uma cruz – que terá sido truncado pelo reaproveitamento do silhar na ombreira esquerda da porta norte da Igreja de São Miguel. A peça, em granito, com 68 centímetros de comprimento, 39 centímetros de largura e 10 centímetros de espessura, remete-nos, de novo, para o contexto de uma tumulação medieval ainda que, neste caso, se trate de um quadro assaz incompleto e inconclusivo e, portanto, sem qualquer possibilidade de aproximação cronológica.

Bibliografia

Academia das Ciências de Lisboa (1897). ***Portugaliae Monumenta Historica: a saeculo octavo post christum usque ad quintum decimum: Inquisitiones: Volvmen I: Fascicvli IV & V.***

Almeida, C.A.F. (1995). Patrimonium. *Inventário da Terra de Sousa. Concelhos de Felgueiras, Lousada e Paços de Ferreira.* [CD-ROM]. Porto: Edição Etnos, Lda.

Chevalier, J; Gheerbrant, A. (1992). *Dicionário dos Símbolos*, Teorema, Lisboa.

Lanhas, F. (1971). *Lousada: Arqueologia.* Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. Editorial Verbo. Vol. 12. Lisboa, pp. 574-575.

Malveiro, J.D. (2013). Estelas funerárias medievais, do distrito de Beja – formas, suportes e iconografia. *Arqueologia em Portugal, 150 anos.* Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 979-986.

Pinto, J.M.M. (1992). *Património Arqueológico de Lousada.* Plano Diretor Municipal de Lousada. Lousada: Câmara Municipal. (Policopiado).

Miranda, A. (1938a). Sepulturas medievais. *Terras de Penafiel.* Vol. I. Penafiel, pp. 5-14

Miranda, A. (1938b). Lousada (XIII). *Jornal de Lousada.* Edição de 17.12.1938

Miranda, A. (1938c). Lousada (XIV). *Jornal de Lousada.* Edição de 24.12.1938

Nunes, M., Sousa, L. & Gonçalves, C. (2008). *Carta Arqueológica do Concelho de Lousada.* Lousada, CML.

Cardoso, C. & Sousa, L. (2021). São Miguel de Lousada em 1758: memória paroquial, toponímia e património. *Suplemento de Património. Revista Municipal de Lousada.* N.º 198, Ano 22. 4ª Série. Lousada, CML, pp. 27-31.